

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**O PAPEL DAS REAÇÕES PARENTAIS ÀS EMOÇÕES  
NEGATIVAS NA RELAÇÃO ENTRE O CONFLITO  
CONJUGAL E O AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO  
DA CRIANÇA**

**Carolina Isabel Abreu Carreira**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE**

**Área de Especialização em Psicologia Clínica Cognitivo-Comportamental Integrativa**

**2023**

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**O PAPEL DAS REAÇÕES PARENTAIS ÀS EMOÇÕES  
NEGATIVAS NA RELAÇÃO ENTRE O CONFLITO  
CONJUGAL E O AJUSTAMENTO PSICOLÓGICO  
DA CRIANÇA**

**Carolina Isabel Abreu Carreira**

**Dissertação orientada pela Professora Doutora Maria Isabel de Sá**

**MESTRADO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE**

**Área de Especialização em Psicologia Clínica Cognitivo-Comportamental Integrativa**

**2023**

## Agradecimentos

Quero agradecer, primeiramente, à Professora Maria Isabel de Sá pela orientação e apoio, que foram fundamentais para a conclusão do meu percurso acadêmico. Agradeço as palavras de incentivo e paciência, que tornaram esta fase menos árdua.

À Professora Carla Silva, por toda a disponibilidade dispensada e pela forma atenciosa como acolheu todas as minhas dúvidas e incertezas. Foi um elemento importante, em especial, nesta última etapa.

Aos meus pais, cujo apoio e amor incondicionais atravessaram o Oceano Atlântico, mesmo que este tenha impedido os abraços aconchegantes e os gestos ternurentos. Todas as minhas conquistas são também vossas.

À Nonô, por ser a minha maior fonte de inspiração devido à sua resiliência e determinação perante todos os desafios enfrentados. Obrigada por enriqueceres a minha vida de maneiras inexplicáveis.

Ao João, por ter acreditado em mim quando eu não acreditei, e por me erguer durante os momentos mais difíceis. Contigo, comecei a olhar para a vida numa perspectiva mais bonita. És um importante porto de abrigo.

Aos meus amigos de sempre, em especial à Simone e ao Guilherme, implacáveis, por terem me acompanhado até aqui e por serem um refúgio que carrega gargalhadas e memórias felizes. Com vocês não se aprende nada.

Às novas amigas que a faculdade me apresentou, que agora transporto comigo, por acolherem as minhas inseguranças e as saudades de casa. Obrigada por terem se tornado a minha segunda casa e por me concederem momentos de alegria e apoio mútuo.

Um obrigada, a todos!

## Resumo

As interações familiares, como a socialização das emoções e o conflito conjugal, são fatores centrais no desenvolvimento da criança. A literatura revela uma análise sistemática sobre como é que estes fatores interferem individualmente no ajustamento psicológico infantil. No entanto, poucos estudos analisaram a sua interação, e respetivo impacto, quando ponderados em conjunto no mesmo modelo. Este estudo propõe-se a analisar o papel mediador das reações parentais às emoções negativas na relação entre o conflito conjugal e os problemas de internalização e de externalização da criança. A amostra foi constituída por 160 mães e 37 pais de crianças portuguesas na faixa etária dos 4 aos 10 anos. Os participantes preencheram alguns questionários que avaliavam a exposição das crianças ao conflito conjugal, as reações parentais às emoções negativas e o ajustamento psicológico das crianças. As análises revelaram que as reações parentais apoiantes não exerceram uma função mediadora na relação entre o conflito conjugal e os problemas de internalização e de externalização das crianças. No entanto, foi verificado um efeito indireto do conflito conjugal, através das reações parentais não apoiantes, tanto nos problemas de internalização como nos problemas de externalização. Foram igualmente observadas associações relevantes entre as variáveis do modelo e as covariáveis adicionadas (i.e., sexo dos pais e o sexo e idade das crianças). Estes resultados apresentam-se como um complemento ao corpo teórico existente ao demonstrar a relação entre interações familiares, como a socialização emocional e o conflito conjugal, e o desenvolvimento de problemas ao nível do ajustamento psicológico da criança.

*Palavras-chave:* socialização emocional, emoções negativas, conflito conjugal, ajustamento psicológico infantil

## **Abstract**

Family interactions, such as emotion socialization and marital conflict, are significant contributors to children development. The literature presents a systematic analysis of the individual impact of these factors on children's adjustment. However, only a few studies have considered their interaction, and respective impact, when analysed together in the same model. The purpose of this study was to explore the mediating role of parental responses to negative emotions in the link between marital conflict and children's internalizing and externalizing problems. The sample comprised 160 mothers and 37 fathers of portuguese children (aged 4-10 years). Measures to assess children's exposure to marital conflict, parental reactions to children's negative emotions, and children's adjustment were administered to parents. Results indicated that supportive parental reactions did not mediate the relationship between marital conflict and children's internalizing and externalizing problems. However, there was an indirect effect of marital conflict on internalizing and externalizing problems, through unsupportive parental reactions. Relevant associations were also found between the model variables and covariates (i.e., sex of parents and sex and age of children). These results enhance the theoretical framework by demonstrating the association between family dynamics, such as emotional socialization and conflict, and the emergence of children's adjustment problems.

*Keywords:* emotional socialization, negative emotions, marital conflict, children's adjustment

## Índice

Introdução.....	1
1. Enquadramento Teórico.....	2
1.1. Emoções Negativas na Infância.....	2
1.2. Socialização Parental das Emoções.....	3
1.3. Reações Parentais às Emoções Negativas da Criança.....	4
1.3.1. Implicações no Ajustamento Psicológico da Criança.....	5
1.3.2. Idade da Criança.....	7
1.3.3. Diferenças de Género.....	8
1.4. Conflito Conjugal.....	8
1.5. Reações parentais às emoções como potencial mediador na relação entre o conflito conjugal e o ajustamento psicológico.....	10
2. O Presente Estudo.....	11
3. Método.....	12
3.1. Participantes.....	12
3.2. Procedimento.....	14
3.3. Instrumentos.....	15
3.3.1. Questionário Sociodemográfico.....	15
3.3.2. O’Leary-Porter Scale (OPS).....	15
3.3.3. The Coping with Children’s Negative Emotions Scale (CCNES).....	16
3.3.4. Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ-Por) – versão pais.....	16
3.4. Análise Estatística.....	17
4. Resultados.....	18
4.1. Análises Preliminares.....	18
4.1.1. Estatística Descritiva das Variáveis em Estudo.....	18
4.1.2. Intercorrelações das Variáveis do Modelo de Mediação.....	18
4.2. Análises dos Efeitos de Mediação.....	20
5. Discussão.....	21
5.1. Limitações e Direções Futuras.....	25
5.2. Implicações Práticas e Conclusões.....	26
Referências Bibliográficas.....	28
Anexos.....	38

## Índice de Tabelas

Tabela 1 – Caracterização sociodemográfica da amostra .....	13
Tabela 2 – Distribuição das crianças em função da idade e do sexo.....	14
Tabela 3 – Estatística descritiva das variáveis em estudo .....	18
Tabela 4 – Correlações entre as variáveis e as covariáveis do modelo de mediação .....	19

## Índice de Figuras

Figura 1 – Modelo teórico das reações parentais às emoções negativas como mediadoras da relação entre o conflito conjugal e o ajustamento psicológico da criança .....	12
Figura 2 – Modelo de mediação das reações parentais não apoiantes na relação entre o conflito conjugal e o ajustamento psicológico da criança .....	20

## Introdução

Um dos alicerces do desenvolvimento socioemocional normativo é a capacidade de a criança gerir eficazmente as suas próprias emoções. Essa capacidade, por sua vez, pode ser promovida por uma parentalidade responsiva e um ambiente familiar propício, que visam a orientar a criança a envolver-se, adequadamente, nos vários contextos sociais.

O ambiente familiar, caracterizado pela sua rede de interações e delineado por um conjunto de emoções e comportamentos, determina a forma como o sistema familiar irá se ajustar num todo, ou individualmente. Dentro das interações que estão associadas a um risco acrescido de a criança apresentar queixas está o conflito conjugal, reconhecido pela sua elevada carga emocional negativa (Porter & O’Leary, 1980; Przybyła-Basista, 2016). Muitos estudos têm se debatido sobre o seu impacto no ajustamento psicológico infantil. No entanto, ainda há uma necessidade crescente de investigações que determinem as vias indiretas, onde são, em parte, geradas as implicações observadas.

No modelo heurístico de Eisenberg e colaboradores (1998) são propostas algumas modalidades de socialização, entre as quais as reações dos pais às emoções da criança, em particular às emoções negativas. Estes comportamentos de socialização também vão desempenhar um papel crucial no ajustamento psicológico da criança, uma vez que moldam as competências associadas às emoções. Ora, num ambiente familiar demarcado pela sua expressividade negativa, poder-se-á prever que as respostas parentais sejam prejudicadas por situações adversas, como eventuais conflitos entre os pais. Isto porque em situações de elevado conflito, os pais tendem a apresentar uma menor capacidade emocional que incapacita a elaboração de respostas adequadas às emoções negativas dos filhos (Coln et al., 2013). Dadas as consequências que isso acarreta para o ajustamento psicológico da criança, poder-se-á supor que as respostas dos pais às emoções da criança poderão predizer, em parte, as implicações que, à partida, seriam exclusivamente desencadeadas pelo conflito conjugal.

É então nessa interação que o presente estudo irá se debruçar, onde o objetivo primordial será averiguar a possibilidade de as reações parentais às emoções negativas atuarem como mediadoras na relação entre o conflito conjugal e o ajustamento psicológico da criança. Numa fase inicial, será retratada a literatura existente. Em seguida, são apresentados a metodologia e procedimentos de recolha e de análise de dados, os resultados e, por fim, a discussão.

## 1. Enquadramento Teórico

### 1.1. Emoções Negativas na Infância

Ao longo da infância, a criança, através da experiência e de alguns aspetos do seu meio envolvente, desenvolve a capacidade de identificar e de se adaptar a estímulos potencialmente perigosos e a orientar-se pelo estado emocional do outro (Ji et al., 2016; Xiao et al., 2021). Estes são alguns exemplos de funções das emoções negativas. Como se pode verificar, embora estas emoções tendem a ser minimizadas em relação às emoções positivas, ambas são componentes essenciais na infância.

A investigação tem se centrado essencialmente nas emoções negativas, dada a sua complexidade no processo de regulação, quando contrastada com a regulação das emoções positivas (Ramsden & Hubbard, 2002). As dificuldades ao nível das emoções negativas encontram-se mais fortemente associadas a problemas de conduta (Johnson et al., 2017). Adicionalmente, a capacidade da criança em lidar com essas emoções reflete, em parte, as suas competências de resolução de problemas (Baker et al., 2011). Ora, uma resolução construtiva do problema antevê o envolvimento da criança em comportamentos mais adaptativos e, por sua vez, uma melhor gestão das emoções emergentes, enquanto uma criança com um comportamento tipicamente desafiante está mais predisposta a apresentar soluções inapropriadas e inconsistentes ao problema. Além disso, crianças que experimentam níveis mais altos de emoções negativas, ou que não possuem alternativas mais construtivas no seu repertório, serão também mais prováveis de aderirem a estratégias menos eficazes (Goodvin et al., 2006).

As emoções negativas são também habitualmente consideradas respostas contraproducentes. À exceção dos pais que de facto valorizam e incentivam a expressão das emoções negativas, alguns pais tornam-se predispostos a recorrerem a respostas que se destinam a evitar a sua expressão, quer seja a minimizá-las, a ignorá-las ou até mesmo a extinguir os estímulos incitadores (Eisenberg et al., 1998; Shipman et al., 2007).

Tendo em conta que a exposição excessiva a emoções negativas no ambiente familiar poderá ter impacto na aquisição de competências de regulação emocional, os pais deverão se basear numa exposição adequada e equilibrada tanto de emoções positivas como de negativas (Johnson et al., 2017). Essa exposição, por sua vez, dependerá de alguns fatores, entre os quais as práticas de socialização parental.

## 1.2. Socialização Parental das Emoções

É através dos comportamentos de socialização que as crianças desenvolvem competências associadas às emoções, entre as quais a expressão emocional, o reconhecimento de causas e efeitos, e o entendimento perante o facto de serem, ou não, culturalmente adequadas (Ramakrishnan et al., 2019). A aquisição dessas competências beneficia, por sua vez, o desenvolvimento emocional da criança (Bariola et al., 2011; McDowell et al., 2002; Warren & Stifter, 2008).

Segundo Gottman e colaboradores (1996), uma socialização adequada implica que os pais estejam cientes das emoções da criança e que as mesmas sejam conceituadas como oportunidades de aprendizagem. Geralmente, o papel de agente de socialização primário é atribuído à figura materna. No entanto, ambos os pais acabam por ser modelos de socialização com o objetivo comum de providenciar à criança técnicas que favoreçam a sua regulação emocional (Poon et al., 2017). Essas técnicas poderão se basear numa abordagem mais diretiva, como a discussão sobre as emoções, ou então numa abordagem de natureza implícita, como a expressão de reações ou respostas emocionais.

As interações entre os pais e a criança são demarcadas pela sua elevada expressão emocional. Se a expressividade familiar não for adequada às necessidades individuais de cada elemento familiar, poderão surgir algumas implicações que condicionarão o equilíbrio do sistema. É através da ampla expressão de emoções dos pais que a criança aprende a adequar essas emoções a diferentes situações para, dessa forma, beneficiar-se de um leque variado de respostas emocionais (Denham et al., 1997). Por conseguinte, essa aprendizagem incrementa a capacidade de a criança interpretar os vários contextos em que se insere, e de discernir a expressão emocional das suas relações significativas (Eisenberg & Fabes, 1998). Adicionalmente, desenvolverá estratégias adaptativas de comunicação que minimizarão a ocorrência de comportamentos mal-adaptativos (Bølstad et al., 2021; Havighurst et al., 2010; McDowell et al., 2002).

Durante a infância, já deverá ser dominada uma série de tarefas, entre as quais a compreensão de emoções, o reconhecimento de padrões de comportamento e a resolução de problemas (Fabes et al., 2002; Gottman et al., 1996; Poon et al., 2017). Aspectos como a discussão sobre as emoções negativas, a construção de soluções adequadas, e a adequação

das reações dos pais a essas emoções, são alguns exemplos de comportamentos de socialização que contribuem para o funcionamento e ajustamento psicológico infantil.

### **1.3. Reações Parentais às Emoções Negativas da Criança**

As reações parentais às emoções da criança têm sido operacionalizadas como um mecanismo central de socialização. As respostas diversificadas, elaboradas pelos pais, às emoções dos filhos são geralmente baseadas em normas sociais, filosofias da meta-emoção e crenças inerentes às emoções positivas e negativas (Gottman et al., 1996; Santos, 2022; Stettler & Katz, 2014).

Gottman e colaboradores (1996), surgem com o conceito “meta-emoção parental” referindo-se a uma filosofia que caracteriza as crenças dos pais acerca das emoções dos filhos. Os pais que conceptualizam as emoções negativas como nocivas e potencialmente prejudiciais para a criança, geralmente, tentam extingui-las o mais rápido possível, apresentando uma filosofia depreciativa. Em contrapartida, os pais que têm uma filosofia valorativa veem as emoções negativas como uma oportunidade de aproximação e debate sobre as emoções, procedendo, subsequentemente, à sua nomeação e validação.

É plausível antecipar que as reações dos pais poderão configurar as respostas subsequentes da criança e afetar a mobilização de recursos emocionais perante situações sociais em que a criança está sozinha (Denham, 1997). Ao reagirem às emoções, os pais estão a fornecer uma avaliação que, por sua vez, será assimilada a longo prazo (Blair et al., 2014; Miller-Slough et al., 2016). Através dessa avaliação, e também da observação, a criança aprende o que fazer, futuramente, em situações semelhantes (Denham et al., 1997).

As reações dos cuidadores, em particular às emoções negativas, parecem, portanto, fornecer informações relevantes para a elaboração de respostas a vários contextos sociais. Essas reações poderão ser conceptualmente divididas em duas categorias: reações apoiantes e reações não apoiantes. Fabes e colaboradores (2002), postularam que as reações apoiantes incluem: as respostas focadas no problema, ou seja, o apoio à criança na resolução de um problema que desencadeou sofrimento emocional; as respostas focadas na emoção, que envolvem o recurso a estratégias que ajudam a criança a lidar de uma forma adaptativa com a emoção em questão; e o encorajamento da expressão emocional, que envolve a aceitação e o encorajamento adequado das emoções negativas.

Por outro lado, nas reações não apoiantes estão incluídas: respostas de minimização, que se traduzem na desvalorização da expressão emocional da criança por parte das figuras de socialização; respostas de punição, que envolvem o recurso à punição física ou verbal para controlar, ou até mesmo extinguir, a expressão de afeto negativo; e, por fim, respostas de desconforto parental, ou seja, quando os pais se sentem angustiados ou desconfortáveis com a expressão emocional negativa dos filhos (Fabes et al., 2002).

Deste modo, pais que aderem às reações apoiantes parecem fornecer métodos mais tangíveis para a regulação e expressão das emoções negativas (Bølstad et al., 2021; Fabes et al., 2002; Miller et al., 2014). Já as reações não apoiantes tendem a impedir a autorreflexão relativa às emoções e, portanto, são consideradas uma grande barreira à aprendizagem social (Denham, 1997; Fabes et al., 2002).

### ***1.3.1. Implicações no Ajustamento Psicológico da Criança***

Consoante a trajetória de desenvolvimento, as experiências vivenciadas e o ambiente envolvente, a criança poderá desenvolver, ou não, problemas ao nível do seu ajustamento. Tais problemas poderão ser classificados em duas dimensões. Estas incluem os problemas de internalização, que se traduzem nas problemáticas inerentes ao estado interno da criança, ou seja, ao nível da expressão e regulação de sentimentos que, por sua vez, integram os sintomas depressivos, ansiedade, medo e isolamento. E os problemas de externalização, que estão relacionados a problemas que são direcionados para fora, como os problemas de atenção, agressividade e resistência. Tanto os problemas de internalização, como os problemas de externalização, manifestam-se durante a infância, mas normalmente perdurem até à adolescência e idade adulta, aumentando, conseqüentemente, o risco de psicopatologia (Bongers et al., 2003).

As reações apoiantes estão associadas, não só à autorregulação emocional (Fernandes et al., 2022), como também à prevenção do surgimento de problemas de internalização e externalização (Jin & Han, 2017). Estas reações amenizam a agitação emocional ao proporcionarem à criança pistas para lidar com situações adversas (Eisenberg et al., 1998). Além disso, reações como a validação podem ser especialmente importantes pois ajudam a criança a se sentir atendida, a se expressar de maneira socialmente adequada e a se autorregular, aumentando assim a sua segurança emocional (Morris et al., 2007; Shipman et al., 2007).

As reações apoiantes apresentam também um papel significativo no contexto social da criança, nomeadamente com os pares. Tendo em conta que as reações dos cuidadores são referências que incentivam, implicitamente, a criança a replicar noutras relações interpessoais, é provável que uma responsividade contingente estimule a reprodução de comportamentos adaptativos, contribuindo, conseqüentemente, para o envolvimento pró-social da criança na interação com os pares (Blair et al., 2014; Denham, 1993; Miller et al., 2014).

Não obstante, Seddon e colaboradores (2020) sugeriram que o aumento das reações não apoiantes exerce um maior impacto no ajustamento da criança, quando contrastada com a diminuição das reações apoiantes, pelo que intervir nas primeiras será, à partida, um caminho mais promissor.

As reações não apoiantes, sobretudo as reações de punição e de minimização, levam a que a criança tenha dificuldades em lidar adequadamente com as emoções e, portanto, estão associadas a uma menor competência socioemocional, bem como ao desenvolvimento de problemas de internalização e externalização (Bølstad et al., 2021; Havighurst et al., 2010). Perante este tipo de reações, a criança internaliza gradualmente a crença de que as suas emoções negativas são incómodas, levando-a assim a suprimi-las (Eisenberg et al., 1996; Sanders et al., 2013). Por exemplo, Eisenberg e colaboradores (1996) constataram que reações parentais, como a minimização, estavam associadas ao uso de estratégias de evitamento, pelo que em situações de sofrimento posteriores as crianças evitavam procurar apoio social, optando antes por suprimir as suas emoções negativas.

Assim como as reações apoiantes, as reações não apoiantes determinam igualmente a aquisição de competências sociais. Nelson e Boyer (2018) realizaram um estudo longitudinal cujas análises, após um ano, revelaram que crianças que foram expostas continuamente a reações maternas não apoiantes, exibiam tendencialmente comportamentos de externalização com os pares. Num contexto em que os pais negligenciam a expressão emocional negativa, é provável que a criança considere, não só as próprias emoções como ameaçadoras, mas também as dos outros. Essas reações limitam, portanto, o acesso a ferramentas eficientes que regulam a inquietação emocional, o que incrementa a probabilidade de a criança manifestar problemas, sobretudo de externalização, em situações com os pares (Eisenberg et al., 1996; Eisenberg, 1998).

Assim como as emoções, é importante que os pais gerenciem proporcionalmente as suas reações, ou seja, de forma que a criança não experiencie níveis demasiado altos em relação a umas e níveis baixos em relação a outras (Malatesta-Magai, 1991, citado por Ramakrishnan et al., 2019). O estudo recente de Howe e Zimmer-Gembeck (2022) demonstrou que as mães que adotavam uma socialização média, abrangendo tanto reações de apoiantes como não apoiantes, tinham filhos com menos sintomas de ansiedade, em comparação com as mães que relatavam uma frequência elevada de reações apoiantes ou aquelas que recorriam predominantemente a reações não apoiantes.

### ***1.3.2. Idade da Criança***

A literatura tem vindo a destacar, maioritariamente, as crianças que se encontram na idade pré-escolar. No entanto, o período escolar é merecedor de uma maior atenção empírica, dado que é também dotado de mudanças importantes no desenvolvimento socioemocional. Esta lacuna poderá ser explicada pela sofisticação das estratégias individuais e da compreensão emocional que a criança desenvolve ao longo do seu crescimento que, por sua vez, se traduz no aumento da sua independência em relação aos agentes de socialização primários (Chora et al., 2019; Johnson et al., 2017). Nesse sentido, é presumido que as figuras parentais se envolvam cada vez menos no desenvolvimento emocional da criança (Stettler & Katz, 2014).

No período pré-escolar está englobada a aquisição de um conjunto de competências que visam a preparar a criança para o envolvimento em atividades sociais mais amplas. Dado que, nesta fase, a regulação emocional está mais dependente da intervenção dos pais, as crianças mais novas são normalmente percecionadas como mais vulneráveis e desprovidas de uma maior vigilância, comparativamente às crianças mais velhas (Bariola et al., 2011). Contudo, alguns estudos constataram que as práticas de socialização emocional ainda têm algum poder de influência ao longo de toda a infância (e.g., Morris et al., 2007).

Durante o ensino primário, as crianças são submetidas a novos desafios de cariz social e emocional, o que implica que os pais continuem a desempenhar funções enquanto orientadores (Morris et al., 2007). Pereira e colaboradores (2022), através de uma amostra clínica de pais com filhos na faixa etária dos 3 aos 13 anos, revelaram que, no geral, a idade das crianças não se associou significativamente às restantes variáveis. Assim, acredita-se que, mesmo com o crescimento, os pais continuam a exercer algum impacto na gestão das

situações socioemocionais dos filhos, porém, de forma gradualmente menos direta e assídua (Eisenberg, 1997).

### ***1.3.3. Diferenças de Género***

No que diz respeito às diferenças de género, a literatura tem vindo a revelar resultados incongruentes. Se por um lado há a evidência de estudos que não relataram diferenças de género relevantes (e.g., Baker et al., 2011; Özen-Uyar et al., 2021), também existem estudos que reportaram o oposto (e.g., Ramakrishnan et al., 2019; Suh & Kang, 2020).

Teoricamente, ambas a socialização materna e paterna interferem no funcionamento da criança, porém, de forma individualizada, mas ao mesmo tempo, complementar. A investigação tem demonstrado que é um princípio chave compreender como é que essas particularidades poderão estar a interferir no ajustamento psicológico da criança. Sanders e colaboradores (2013) verificaram que as reações maternas à tristeza e as reações paternas à raiva contribuíram, de forma única, para a progressão de sintomas depressivos. Outros estudos relatam que, comparativamente às mães, os pais tendem a demonstrar reações punitivas ou envolverem-se menos na socialização das emoções (Stocker et al., 2007; Root & Rubin, 2010).

No que toca às diferenças de género entre as crianças, alguns estudos sugerem que as mães são modelos de socialização mais proeminentes para as filhas do que para os filhos (Brody, 2000). Outro aspeto centra-se no facto de as crianças do sexo feminino serem particularmente sensíveis à socialização emocional, mas apresentarem mais competências de autorregulação (Denham et al., 2003; Denham et al., 2010). Os rapazes, por outro lado, estão mais suscetíveis ao desenvolvimento de problemas de externalização (Chen, 2010).

## **1.4. Conflito Conjugal**

Em paralelo com a expressividade familiar, a capacidade de autorregulação dos pais também revela uma ilustre importância na concretização de um ambiente emocional saudável (Morris et al., 2007). O conflito conjugal é uma componente natural e inevitável no contexto familiar, no entanto, a forma como este se processa determina a qualidade da dinâmica familiar (Hosokawa & Katsura, 2019; Przybyła-Basista, 2016). Muitas vezes está

associado a uma grande carga emocional negativa que facilmente se transforma num fator de risco para o bem-estar da criança (Craft et al., 2021).

Um vasto corpo teórico encontrou suporte para as implicações negativas do conflito conjugal no funcionamento normativo. Por exemplo, o estudo longitudinal conduzido por Cummings e colaboradores (2012), evidenciou que os problemas ao nível do comportamento eram exacerbados se a criança tivesse experienciado, anteriormente, situações que envolvessem conflito entre os pais. Adicionalmente, foi evidenciado que o divórcio moderava as consequências negativas subjacentes ao conflito, o que sugere que o conflito conjugal é um dos principais fatores influentes no bem-estar da criança (Yu et al., 2010).

O conflito, como variável multidimensional, vai depender de alguns parâmetros, entre os quais a expressividade, grau de frequência, assunto abordado e tipo de resolução. O impacto será maior se o conflito ocorrer com grande frequência, se estiver diretamente relacionado com a criança e se não for resolvido de forma construtiva (Frankel et al., 2015; Przybyła-Basista, 2016; Zimet & Jacob, 2001). Este tipo de conflito em particular, faz-se acompanhar por uma série de sintomas de internalização e de externalização, tais como a sintomatologia depressiva, ansiedade e hostilidade (Fonseca, 2015).

Alguns estudos enfatizam a frequência de conflito em prol dos restantes fatores (e.g., Hess, 2021; van Eldik et al., 2020). Se pensarmos minuciosamente, é muito provável que a exposição continuada aos padrões de conflito, reative e tonifique a aprendizagem social que a criança faz relativamente às várias respostas emocionais invocadas. Essa aprendizagem, por sua vez, é modelada e reproduzida noutros contextos, como a relação com os pares. Além disso, quando se torna algo bastante frequente, as prioridades do casal poderão se centrar mais no conflito, levando à desvinculação das responsabilidades parentais. Por conseguinte, os pais tornam-se menos atentos e responsivos às necessidades da criança, afetando, sucessivamente, a sua perceção de segurança (Duncan & Hughes, 2011; Eisenberg, 1998).

A Teoria da Segurança Emocional (TSE) (Davies & Cummings, 1994) pressupõe que a segurança emocional exerce um papel mediador na relação entre o funcionamento conjugal e a adaptação da criança. As crianças, geralmente, procuram proteção e segurança no seu ambiente familiar, pelo que quando são expostas ao conflito e à interação negativa das figuras parentais, essa procura e o seu próprio bem-estar tornam-se metas desafiantes. Os argumentos teóricos propostos pela TSE podem ser ainda amplificados pelas hipóteses de extravasamento (“*spillover effect*”) e de compensação, numa perspetiva mais sistémica.

A disfunção inerente à relação conjugal é subentendida, pelo efeito de extravasamento, como suscetível de ser transferida para o subsistema pai/mãe-filho, resultando em práticas parentais negativas (Hess, 2021; Krishnakumar & Buehler, 2000; Stroud et al., 2015). A hipótese de compensação, por outro lado, remete para a capacidade de os pais envolverem-se em comportamentos positivos dirigidos à criança, mesmo perante episódios de conflito, compensando dessa forma a angústia emocional consequente (Almeida & Sani, 2022; Gao et al., 2019).

### **1.5. Reações parentais às emoções como potencial mediador na relação entre o conflito conjugal e o ajustamento psicológico**

Os pressupostos teóricos sugerem que a relação entre o conflito conjugal e o ajustamento psicológico da criança poderá ser explicada por vias indiretas (e.g., de Silva et al., 2020). Conforme aludido anteriormente, tal como o conflito conjugal, as práticas de socialização emocional são, de igual modo, um meio através do qual a criança aprende a interpretar e a responder ao ambiente social envolvente. Uma aprendizagem propícia implica que os pais tenham a capacidade de regular as suas próprias emoções ao se dirigirem à criança, sobretudo diante de situações adversas, como um eventual conflito (Higgins et al., 2011; Paley & Hajal, 2022; Rutherford et al., 2015;). Caso contrário, a criança desenvolve uma maior vulnerabilidade às repercussões resultantes.

Algumas investigações neste âmbito exploraram o efeito indireto do conflito conjugal no ajustamento psicológico da criança, através da função mediadora das práticas parentais (e.g., Coln et al., 2013). Tais resultados sugerem que a tonalidade emocional negativa, oriunda do conflito conjugal, tem um impacto subsequente na relação parental e, consequentemente, no bem-estar da criança (Seddon et al., 2020). Além disso, evidências anteriores demonstraram que, até mesmo perante níveis baixos de conflito, os efeitos continuavam a ser identificados (Duncan & Hughes, 2011).

A capacidade dos pais em validar as emoções da criança, sobretudo em condições de conflito, poderá atenuar os efeitos provenientes do stress conjugal, atuando assim como um fator protetor (Cummings, 2010). No entanto, tem sido sugerido que com a elevada frequência de conflito, os pais tendem a ser menos complacentes e responsivos perante as emoções, sobretudo as negativas (Harold & Sellers, 2018). Postula-se, assim, que a exposição prolongada ao conflito conjugal fornecerá pistas emocionais negativas à criança,

acarretando implicações para o seu ajustamento psicológico. Por conseguinte, tais implicações poderão ser mediadas pelas respostas negligentes das figuras parentais, fomentadas pelo próprio conflito, à emocionalidade negativa dos filhos.

Deste modo, uma compreensão mais abrangente sobre as reações parentais às emoções negativas, como potencial mediador entre o conflito conjugal e o ajustamento psicológico infantil, poderá ser relevante para a identificação de fatores de risco ou, por outro lado, de proteção, que estarão a delimitar o funcionamento saudável da criança.

## **2. O Presente Estudo**

Atendendo às potenciais relações entre o conflito conjugal, as reações parentais às emoções negativas e o ajustamento psicológico da criança previamente referidas, o presente estudo propõe-se a consolidar o corpo teórico correspondente.

A literatura tem-se focado, essencialmente, nas interações diádicas, no entanto, pouco se sabe sobre o potencial papel mediador das reações parentais às emoções negativas na relação entre o conflito conjugal e o ajustamento psicológico da criança (i.e., problemas de internalização e de externalização). Este estudo vem tentar colmatar eventuais lacunas nesse âmbito através de uma análise sistemática dos pressupostos emergentes. Adicionalmente, pretende-se adicionar o sexo e a idade das crianças e o sexo dos pais como covariáveis devido à possibilidade evidenciada de as variáveis em estudo, em particular as reações parentais às emoções negativas e o ajustamento psicológico da criança, oscilarem em detrimento dessas variáveis individuais (e.g., Denham et al., 2003; Sanders et al., 2013; Suh & Kang, 2020).

Nesse sentido, foram formuladas as seguintes hipóteses:

H1: A exposição ao conflito conjugal está associada a um maior desenvolvimento de problemas de internalização e de externalização na criança;

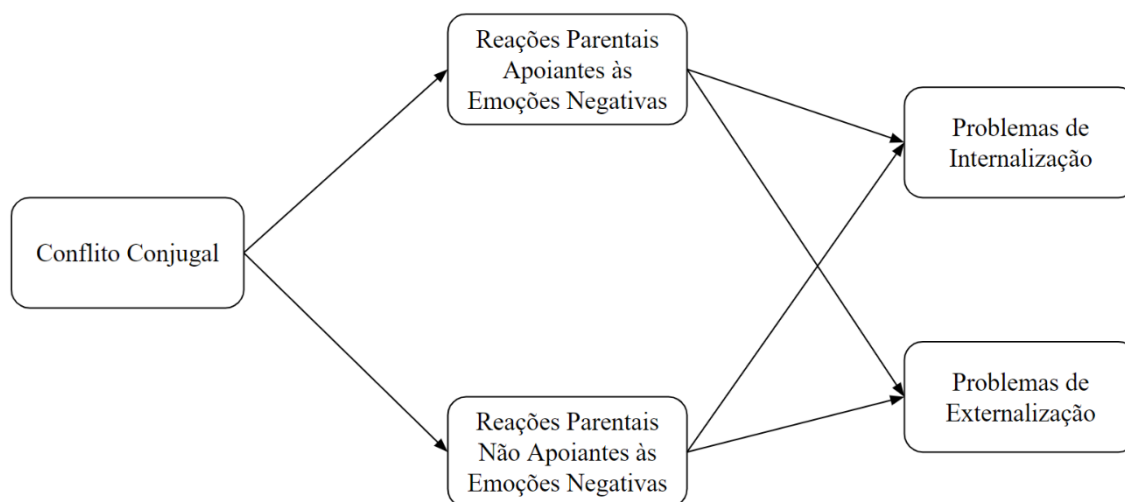
H2: A exposição ao conflito conjugal está associada a níveis mais elevados de reações parentais não apoiantes às emoções negativas da criança que, por sua vez, está associada a um maior desenvolvimento de problemas de internalização e de externalização na criança;

H3: A exposição ao conflito conjugal está associada a níveis mais baixos de reações apoiantes às emoções negativas da criança que, por sua vez, está associada a um maior desenvolvimento de problemas de internalização e de externalização na criança.

O modelo teórico encontra-se sintetizado na Figura 1.

### Figura 1

*Modelo teórico das reações parentais às emoções negativas como mediadoras da relação entre o conflito conjugal e o ajustamento psicológico da criança.*



## 3. Método

### 3.1. Participantes

Participaram neste estudo um total de 197 pais portugueses, dos quais 160 eram do sexo feminino e 37 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 22 e 53 anos ( $M = 38.79$ ;  $DP = 6.16$ ). Considerando o número total de filhos dos participantes ( $n = 197$ ), 106 crianças eram do sexo feminino e 91 do sexo masculino, situadas na faixa etária dos 4 aos 10 anos ( $M = 6.82$ ;  $DP = 1.92$ ).

A distribuição geográfica dos participantes apresenta-se pela seguinte: Região Autónoma da Madeira (45.7%), Lisboa (19.3%), Centro (18.2%), Algarve (9.6%), Região Norte (5.6%) e Região Autónoma dos Açores (1.5%). Grande parte da amostra está casada ( $n = 124$ ; 62.9%), 64 (32.5%) vivem em união de facto e apenas 9 (4.6%) estão numa relação

de namoro. A duração de relação, em média, dos participantes, é de 15.13 ( $DP = 6.04$ ). No que toca ao nível de escolaridade, verifica-se que a maior parte dos participantes concluiu, pelo menos, o ensino secundário ( $n = 157$ ; 79.7%), sendo que a maioria está, atualmente, a trabalhar ( $n = 187$ ; 94.9%). A Tabela 1 e a Tabela 2 apresentam as informações demográficas de forma mais detalhada.

**Tabela 1**

*Caracterização sociodemográfica da amostra (N = 197)*

		Amplitude	n	%	M	DP
<b>Sexo</b>			197	100		
	Feminino		160	81.2		
	Masculino		37	18.8		
<b>Idade</b>		22-53	197	100	38.79	6.16
<b>Zona de Residência</b>	Algarve		19	9.6		
	Centro		36	18.2		
	Lisboa e Vale do Tejo		38	19.3		
	Porto e Região Norte		11	5.6		
	Madeira		90	45.7		
	Açores		3	1.5		
<b>Nível de Escolaridade</b>	1º Ciclo do Ensino Básico		2	1.0		
	2º Ciclo do Ensino Básico		5	2.5		
	3º Ciclo do Ensino Básico		33	16.8		
	Ensino Secundário		43	21.8		
	Licenciatura		75	38.1		
	Mestrado		35	17.8		
	Doutoramento		4	2.0		
<b>Estatuto Ocupacional</b>	Trabalhador		177	89.8		
	Estudante		1	0.5		
	Trabalhador-Estudante		10	5.1		
	Desempregado		9	4.6		
<b>Situação Relacional</b>	Casado		124	62.9		
	União de Facto/Coabitação		64	32.5		
	Relação de Namoro		9	4.6		
<b>Duração da Relação (Anos)</b>		5-32	197	100	15.13	6.04

<b>Número de Filhos</b>	1	82	41.6
	2	87	44.2
	3	23	11.7
	4	3	1.5
	Mais de 4	2	1.0

**Tabela 2**

*Distribuição das crianças em função da idade e do sexo*

	Idade da Criança							Total
	4	5	6	7	8	9	10	
<b>Sexo</b>								
Feminino	20	13	10	19	15	21	8	106
Masculino	14	12	14	19	14	9	9	91
<b>Total</b>	34	25	24	38	29	30	17	197

### 3.2. Procedimento

A recolha de dados foi efetuada através da aplicação de um questionário online, que esteve disponível na plataforma *Qualtrics*, desde fevereiro até junho de 2023, com duração média de 15 minutos. Considerando as condições e recursos da presente investigação, optou-se por uma amostragem não probabilística de conveniência, alicerçada a um método de “bola de neve”. Os participantes foram solicitados a aceder o link do questionário através de publicações nas redes sociais (e.g., *Instagram* e *Facebook*), onde também constava o objetivo geral do estudo e os seguintes critérios de participação: i) ser residente em Portugal; ii) ter um filho na faixa etária dos 4 aos 10 anos; iii) estar numa relação conjugal com o/a pai/mãe biológico/a desse filho.

Ao aceder o questionário online, os participantes foram previamente informados pelo consentimento informado de que a participação era de caráter confidencial e voluntário, e que poderiam abandonar a investigação a qualquer momento. De seguida, foram solicitados a fornecer alguns dados sociodemográficos e, posteriormente, foram apresentadas questões

referentes ao ajustamento psicológico da criança, às reações parentais às emoções negativas da criança e, por fim, ao conflito conjugal.

Este estudo foi realizado de acordo com os princípios éticos da Comissão Especializada de Deontologia do Conselho Científico da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, tendo sido aprovado pela mesma através do Requerimento de Aprovação do Projeto de Investigação.

### **3.3. Instrumentos**

#### **3.3.1. *Questionário Sociodemográfico***

Em primeiro lugar, foi apresentado um questionário de modo a recolher informações sociodemográficas, entre as quais o sexo, idade, zona de residência, nível de escolaridade, estatuto ocupacional, situação relacional e dados associadas à criança sobre a qual os participantes iriam se debruçar ao longo do questionário.

#### **3.3.2. *O’Leary-Porter Scale (OPS)***

A exposição da criança ao conflito conjugal foi avaliada através da versão portuguesa da escala *O’Leary-Porter Scale* - OPS (Porter & O’Leary, 1980; versão portuguesa de Pedro & Francisco, 2014<sup>1</sup>). Esta escala é constituída por 10 itens que visam a avaliar a perceção do casal sobre a frequência com que a criança está presente em várias formas de conflito (e.g., hostilidade física: “*Com que frequência há expressão física de hostilidade entre si e o(a) seu/sua companheiro(a) em frente a este(a) filho(a)?*”). Os itens são classificados numa escala de *Likert* de 5 pontos, em que 1 representa “Nunca” e 5 “Muito Frequentemente”. O somatório dos itens representa um compósito único da exposição da criança ao conflito. No estudo original de Porter e O’Leary (1980), a escala revelou um *alfa* de *Cronbach* de 0.86. No presente estudo, a escala obteve  $\alpha = 0.77$ , revelando, assim, um índice de consistência interna adequado.

---

<sup>1</sup> Adaptação à população portuguesa em curso. No presente estudo, foi utilizada a versão de investigação.

### 3.3.3. *The Coping with Children's Negative Emotions Scale (CCNES)*

Para avaliar as reações parentais às emoções negativas da criança, utilizou-se o *Coping With Children's Negative Emotions Scale* – CCNES (Fabes et al., 1990; Fabes et al., 2002; versão portuguesa de Alves & Cruz, 2011 - *Questionário de Avaliação das Reações Parentais às Emoções Negativas dos Filhos*).

Este instrumento é uma medida de autorrelato composta por 72 itens, agregados em 6 subescalas, que pretendem avaliar a forma como os pais reagem à expressão de emoções negativas da criança, através da seleção de respostas que melhor representam o seu comportamento característico. As 6 subescalas poder-se-ão ainda agrupar em duas escalas: Reações Apoiantes (reações focadas no problema; reações focadas na emoção; reações de encorajamento expressivo) e Reações Não Apoiantes (reações de punição; reações de minimização; reações de desconforto parental). São apresentadas aos participantes 12 situações hipotéticas em que a criança expressa emoções negativas (e.g., “*Se o meu filho perde algo de que gosta muito e reage a chorar...*”). Para cada situação são fornecidas 6 possíveis respostas parentais (e.g., “*Digo ao meu filho que está a exagerar.*”) que, por sua vez, são representativas das subescalas mencionadas. As respostas são classificadas numa escala de *Likert* de 7 pontos, em que 1 é “Nada Provável” e 7 “Muito Provável”. A pontuação de cada escala e subescala é calculada através da média dos itens, em que os resultados mais elevados indicam uma maior tendência às reações em causa.

Foram utilizadas as escalas Reações Apoiantes e Reações Não Apoiantes como medidas globais representativas das respostas parentais às emoções negativas, uma vez que estas serão utilizadas para testar o modelo de mediação. Os resultados da adaptação portuguesa apresentaram uma consistência interna com valores de coeficiente *alfa* de *Cronbach* de 0.91 para a Escala de Reações Não Apoiantes e de 0.85 para a Escala de Reações Apoiantes (Alves & Cruz, 2011). No presente estudo, as escalas apresentaram, igualmente, valores consistentes tanto para as Reações Apoiantes ( $\alpha = 0.70$ ) como para as Reações Não Apoiantes ( $\alpha = 0.80$ ).

### 3.3.4. *Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ-Por) – versão pais*

O ajustamento psicológico da criança foi medido através do *Strengths and Difficulties Questionnaire* – SDQ-Por (Goodman, 2001, versão portuguesa de Fleitlich, Loureiro, Fonseca, & Gaspar, 2005 – *Questionário de Capacidades e Dificuldades*, versão pais). Este

instrumento é constituído por 25 itens (e.g., “*Enerva-se muito facilmente e faz muitas birras*”) que se agrupam em 5 subescalas: sintomas emocionais, problemas com os pares, problemas de comportamento, hiperatividade e comportamento pró-social. O somatório das subescalas “sintomas emocionais” e “problemas com os pares” representa a subescala dos Problemas de Internalização, enquanto as subescalas “problemas de comportamento” e “hiperatividade” formam, em conjunto, a subescala dos Problemas de Externalização. É ainda possível obter uma dimensão global, que resulta no total de problemas, através da soma de todas as subescalas, à exceção da subescala “comportamento pró-social”. As respostas a cada item são classificadas numa escala de *Likert* de 3 pontos (“Não é Verdade”, “Pouco Verdade” e “Muito Verdade”).

No presente estudo, utilizou-se apenas as subescalas dos Problemas de Internalização e Problemas de Externalização que, por sua vez, obtiveram uma consistência interna com valores de *alpha* de *Cronbach* de 0.56 e 0.72, respetivamente. Apesar de o valor para os Problemas de Internalização não ser plenamente satisfatório, alguns estudos referentes à população portuguesa apresentaram uma consistência interna superior, como o estudo de Rocha (2016), onde foi obtido um *alfa* de *Cronbach* de 0.77 para Problemas de Externalização e 0.80 para Problemas de Internalização.

### 3.4. Análise Estatística

A análise de dados foi realizada com recurso ao programa estatístico *IBM Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS v.29.0). Consideraram-se somente os questionários que foram totalmente preenchidos e que tenham cumprido todos os requisitos.

Procedeu-se primeiramente com a análise da qualidade psicométrica dos instrumentos utilizados. Numa fase inicial, efetuou-se as estatísticas descritivas e as intercorrelações entre todas as variáveis em estudo através do coeficiente de correlação de *Pearson*. As variáveis foram calculadas através da média ou da soma dos respetivos itens. Para analisar o efeito mediador das reações parentais às emoções negativas da criança na relação entre o conflito conjugal e o ajustamento psicológico infantil, testou-se o modelo de mediação através da *macro PROCESS* (v.4.2) (Modelo 4) para SPSS (Hayes, 2022). Para testar os efeitos indiretos, foram utilizados intervalos de confiança *bootstrap* de 95%, com base em 5.000 reamostragens *bootstrap* (Hayes, 2018).

## 4. Resultados

### 4.1. Análises Preliminares

#### 4.1.1. Estatística Descritiva das Variáveis em Estudo

Apresentam-se agora os resultados médios e respectivos desvios padrão do conflito conjugal, das reações parentais às emoções negativas e do ajustamento psicológico da criança. Conforme evidenciado na Tabela 3, os participantes reportaram, em média, uma frequência de conflito de 21.06, com desvio padrão de 4.88. Ao analisar a estatística descritiva referente às reações parentais, as análises demonstram que os participantes recorrem com maior frequência às reações apoiantes ( $M = 5.67$ ,  $DP = 0.76$ ), comparativamente às reações não apoiantes ( $M = 2.76$ ,  $DP = 0.65$ ). Por último, verificou-se que, segundo os pais, as crianças tendem a manifestar mais problemas de externalização ( $M = 15.75$ ,  $DP = 3.61$ ) do que problemas de internalização ( $M = 13.82$ ,  $DP = 2.77$ ).

**Tabela 3**

*Estatística descritiva das variáveis em estudo*

	Mínimo	Máximo	$M$	$DP$
Conflito Conjugal	10.00	37.00	21.06	4.88
Reações Não Apoiantes	1.42	5.11	2.76	0.65
Reações Apoiantes	3.11	6.83	5.67	0.76
Problemas de Internalização	10.00	26.00	13.82	2.77
Problemas de Externalização	10.00	25.00	15.75	3.61

*Nota.*  $M$  = Média,  $DP$  = Desvio padrão

#### 4.1.2. Intercorrelações das Variáveis do Modelo de Mediação

As intercorrelações entre as variáveis em estudo encontram-se representadas na Tabela 4. De modo geral, as correlações são consistentes com o padrão de relações esperado. No que toca às reações não apoiantes, as análises constataam que esta variável se correlaciona significativa e positivamente com o conflito conjugal e com os problemas de internalização. Por outro lado, as reações apoiantes mostraram-se negativamente correlacionadas com o

conflito conjugal, os problemas de internalização e os problemas de externalização, no entanto, nenhuma dessas correlações foram estatisticamente significativas. Relativamente ao conflito conjugal, verificaram-se correlações estatisticamente significativas e positivas tanto com os problemas de internalização, como com os problemas de externalização, sustentando assim a primeira hipótese do estudo.

No que diz respeito às correlações entre as variáveis do modelo e as covariáveis: o sexo dos pais foi positivamente correlacionado com as reações não apoiantes e negativamente correlacionado com as reações apoiantes (i.e., os pais apresentam níveis mais elevados de reações não apoiantes e níveis mais baixos de reações apoiantes, em comparação com as mães); já o sexo das crianças foi positivamente correlacionado apenas com os problemas de externalização, ou seja, os rapazes apresentam mais problemas de externalização do que as raparigas; por fim, em relação à idade, esta foi negativamente correlacionada somente com os problemas de externalização, o que significa que à medida que a idade aumenta, os problemas de externalização tendem a diminuir.

**Tabela 4**

*Correlações entre as variáveis e as covariáveis do modelo de mediação*

	1	2	3	4	5	6	7
1. Sexo dos Pais <sup>1)</sup>	-						
2. Sexo das Crianças <sup>1)</sup>	-0.00	-					
3. Idade das Crianças	-0.00	-0.02	-				
4. Conflito Conjugal	-0.07	-0.02	-0.05	-			
5. Reações Não Apoiantes	<b>0.17*</b>	-0.06	0.00	<b>0.26**</b>	-		
6. Reações Apoiantes	<b>-0.29**</b>	0.12	-0.09	-0.07	-0.09	-	
7. Problemas de Internalização	-0.09	-0.08	0.05	<b>0.24**</b>	<b>0.30**</b>	-0.02	-
8. Problemas de Externalização	-0.03	<b>0.23**</b>	<b>-0.20**</b>	<b>0.30**</b>	<b>0.19**</b>	-0.01	<b>0.36**</b>

Nota. <sup>1)</sup> Sexo (1 = Sexo Feminino, 2 = Sexo Masculino)

\* $p < 0.05$ ; \*\* $p < 0.01$

A ausência de correlações significativas entre a variável reações apoiantes e as restantes variáveis do modelo, sugere que o efeito mediador desta variável não é sustentado pelos dados obtidos, pelo que não foram atendidas as premissas necessárias para a realização

do teste de mediação. Por conseguinte, não foi encontrado suporte para a hipótese 3, que pressupõe a existência de uma função mediadora das reações apoiadas na relação entre o conflito conjugal e o ajustamento psicológico da criança.

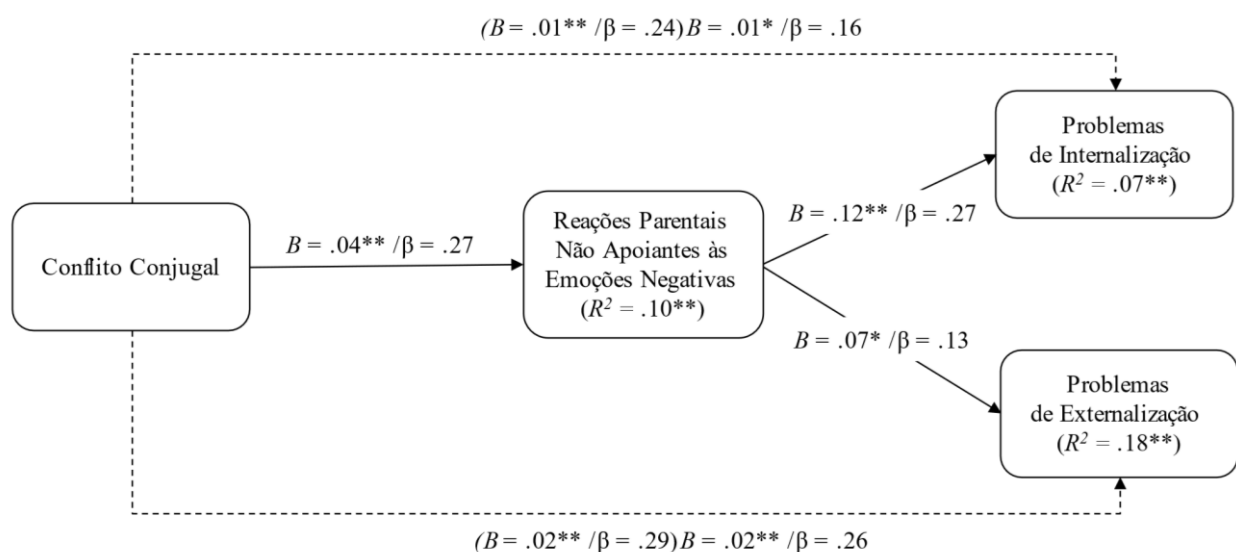
#### 4.2. Análises dos Efeitos de Mediação

Os resultados revelaram um efeito indireto significativo do conflito nos problemas de internalização (estimativa padronizada *bootstrap* = 0.073, 95% IC [0.034, 0.122]) e nos problemas de externalização (estimativa padronizada *bootstrap* = 0.036, 95% IC [0.000, 0.077]), através das reações parentais não apoiadas às emoções negativas.

Logo, isto significa que níveis mais elevados de exposição ao conflito foram associados a níveis mais elevados de reações parentais não apoiadas que, por sua vez, foram associados a níveis mais elevados tanto de problemas de externalização como de problemas de internalização na criança. Nesse sentido, pode-se concluir que existe suporte para a hipótese 2. Na Figura 2 é apresentado o modelo de mediação onde são reportados os efeitos totais e os efeitos diretos, através dos coeficientes não estandardizados e estandardizados. As setas indicam as relações entre as variáveis do modelo.

#### Figura 2

*Modelo de mediação das reações parentais não apoiadas na associação entre o conflito conjugal e o ajustamento psicológico da criança*



Nota.  $*p < 0.05$ ;  $**p < 0.01$

Em relação aos efeitos das covariáveis, os resultados mostraram um efeito positivo significativo do sexo dos pais nas reações não apoiadas ( $B = 0.31, p = 0.007 / \beta = 0.19$ ), o que indica que os pais apresentam níveis mais elevados de reações não apoiadas do que as mães. Por outro lado, o sexo e a idade das crianças não revelaram relações significativas com as reações não apoiadas, nem com os problemas de internalização. No entanto, nos problemas de externalização foi demonstrado um efeito positivo significativo do sexo das crianças ( $B = 0.17, p < 0.001 / \beta = 0.02$ ) e um efeito negativo significativo da idade ( $B = -0.03, p = 0.005 / \beta = -0.18$ ). Ou seja, à medida que a idade aumenta, as crianças tendem a manifestar cada vez menos problemas de externalização, sendo que os rapazes foram associados a níveis mais elevados.

## 5. Discussão

O presente estudo teve como objetivo principal explorar o papel mediador das reações parentais às emoções negativas da criança na relação entre o conflito conjugal e o ajustamento psicológico infantil. Os resultados realçam a importância de compreender o ajustamento da criança de uma forma mais abrangente, particularmente no que diz respeito à forma como as respostas parentais poderão ser um fator preponderante no desenvolvimento, sobretudo em caso de conflito.

Um corpo crescente de pesquisas tem encontrado suporte na associação entre: 1) os comportamentos de socialização emocional dos pais e o ajustamento psicológico infantil (Eisenberg, 1997; Johnson et al., 2017), 2) os comportamentos de socialização emocional e o conflito conjugal (Fonseca, 2015; Tetzner et al., 2022), e 3) o conflito conjugal e o ajustamento psicológico infantil (Duncan & Hughes, 2011, Stroud et al., 2015). Estes resultados, tomados em conjunto com os de outros estudos, que analisaram a socialização das emoções como mediadora na relação entre as dinâmicas familiares e o ajustamento psicológico da criança (e.g., Seddon et al., 2020), advertem implicitamente para a possibilidade de as reações parentais às emoções negativas exercerem igualmente uma função mediadora na relação entre o conflito conjugal e o ajustamento psicológico infantil.

De um modo geral, os resultados são consistentes com a literatura existente e, conseqüentemente, com a maior parte das hipóteses estabelecidas. Os resultados das análises preliminares apoiaram a primeira hipótese, demonstrando que de facto o conflito conjugal

promove problemas de internalização e problemas de externalização na criança. Muitos estudos têm documentado consistentemente esta relação entre o conflito e o bem-estar da criança, como o estudo longitudinal de Tetzner e colaboradores (2022), que destacou o conflito como o fator de maior risco no desenvolvimento de problemas ao nível do ajustamento da criança, e o estudo de Craft e colaboradores (2021), que demonstrou que a exposição precoce da criança a situações de conflito está associada a implicações significativas no seu desenvolvimento socioemocional. Esta associação não é surpreendente dado que é a expressividade emocional negativa, como a raiva e, por vezes, os comportamentos de hostilidade, que é geralmente evidenciada durante um conflito, o que contribui, por sua vez, para a propagação de um ambiente familiar prejudicial que, de acordo com a Teoria da Segurança Emocional (TSE), compromete a segurança emocional percebida pela criança (Gottman, 1997). E, portanto, sob a eventualidade de uma elevada frequência de conflito, julga-se que a criança, inserida num contexto desafiante, desenvolva um sentimento de ameaça que perturba, não só a sua percepção de segurança, como também o próprio funcionamento.

Não obstante, ainda que seja incontestável que o conflito é, muitas vezes, um evento prejudicial que compromete, de forma direta, o bem-estar da criança, tem sido também observado outros fatores que são produto do conflito e, conseqüentemente, instigadores dos problemas de internalização e de externalização subsequentes (e.g., Coln et al., 2013; de Silva et al., 2020).

Na presente investigação, foi proposto que os efeitos do conflito conjugal no ajustamento psicológico infantil, reportados anteriormente, poderiam ser explicados, em parte, pelas reações parentais às emoções negativas da criança. As análises de mediação apoiaram a segunda hipótese que pressuponha que as reações não apoiadas às emoções negativas das crianças mediarão as relações entre o conflito conjugal e os problemas de internalização e de externalização das crianças. Estes dados estão também em consonância com a literatura que define a dinâmica da relação conjugal como configuradora das respostas às emoções da criança (Duncan & Hughes, 2011; Harold & Sellers, 2018) e o impacto destas no ajustamento psicológico infantil (Havighurst et al., 2010; Jin & Han, 2017).

Adicionalmente, e em conformidade com a hipótese de extravasamento, o facto de os efeitos do conflito no ajustamento psicológico da criança ocorrerem, de forma indireta, através das reações parentais às emoções negativas, indica que as dificuldades associadas à

relação conjugal são eventualmente projetadas para a díade pais-filho. Algumas investigações anteriores destacam as consequências prejudiciais que o conflito acarreta para a interação parental, entre as quais a diminuição da capacidade de resposta e de afeto (e.g., Harold & Sellers, 2018; Hess, 2021; Zimet & Jacob, 2001). As divergências entre o casal são, portanto, frequentemente interligadas a uma parentalidade ineficaz, sobretudo quando decorrem reiteradamente. Talvez porque, nestas situações, a capacidade de manter uma abordagem parental equilibrada pode ser bastante desafiante. Por vezes, o conflito entre os pais pode até atuar como preditor do conflito entre pais e filhos, sendo isso, à partida, produto de uma grande sobrecarga emocional negativa e, por sua vez, menor tolerância (Sherril et al., 2017). Tudo isto permite deduzir, conseqüentemente, que o conflito conjugal não só contribui isoladamente para o retrocesso do desenvolvimento da criança (e.g., aprendizagem e reprodução de estratégias mal-adaptativas, por observação direta, na relação com os pares), como também pode exercer um forte impacto através da relação parental, neste caso, mediante a responsividade emocional negligenciada dos pais.

Em contrapartida e, contrariamente ao esperado, não foi encontrado suporte para a hipótese 3, visto que as reações apoiantes não apresentaram associações de relevância com a maioria dos construtos. Isso significa que as reações apoiantes não exerceram um papel mediador na relação entre o conflito conjugal e os problemas de internalização e de externalização da criança. A presente análise revelou que o conflito está mais associado ao aumento das reações não apoiantes do que propriamente à diminuição das reações apoiantes, sendo que a primeira associação exerce, por sua vez, um maior impacto sobre o ajustamento psicológico da criança. Além disso, estes resultados indicam que um maior nível de reações não apoiantes não implica necessariamente um menor nível de reações apoiantes até porque, de acordo com evidências anteriores, estas duas dimensões podem ocorrer em simultâneo, mas operar de maneira diferente e independente (Howe & Zimmer-Gembeck, 2022; Lunkenheimer et al., 2007; Miller-Slough et al., 2016). Deste modo, estes dados sustentam a premissa que advoga que a intervenção deverá priorizar a diminuição das reações não apoiantes, em detrimento do aumento das reações apoiantes, a fim de interromper o efeito de extravasamento da disfunção da relação conjugal para a relação pais-filho (Seddon et al., 2020).

Ao controlar o sexo dos pais como covariável na análise do efeito de mediação das reações parentais não apoiantes, foi observado que os pais tendem a exibir reações não apoiantes com maior incidência do que as mães. Estes resultados corroboram os de estudos

anteriores que sugerem que os pais e as mães desempenham papéis diferentes quando se trata da socialização das emoções da criança (e.g., Ramakrishnan et al., 2019; Root & Rubin, 2010). Por exemplo, no estudo de Brown (2021), onde foram investigadas as diferenças de sexo consoante a etnia dos pais, foi revelado que na amostra europeia, os pais, em comparação com as mães, reportaram uma maior frequência de reações não apoiantes a emoções de maior vulnerabilidade, como a tristeza e o medo. A investigação continua a demonstrar, sistematicamente, que as mães, por norma, envolvem-se muito mais no desenvolvimento emocional dos filhos do que os pais. Em parte, isso poderá estar associado à preservação da conceção sociocultural do homem enquanto figura paterna. De acordo com evidências anteriores, a presença de dois pais apoiantes poderá promover um ambiente mais propício, comparativamente à presença de uma só figura apoiante (Ryan et al., 2006). Como tal, este é um dado que deverá ser cuidadosamente ponderado, tendo em conta que pode ser reconhecido como um potencial fator de risco.

No que diz respeito ao controlo do sexo das crianças, não foram encontradas diferenças para as reações parentais não apoiantes, nem para os problemas de internalização, mas sim para os problemas de externalização. Mais concretamente, os rapazes estão mais suscetíveis a desenvolver problemas de externalização, em comparação com as raparigas, o que vai ao encontro de um conjunto substancial de estudos que associam o sexo feminino a competências mais adaptativas, tais como a regulação emocional e melhores aptidões sociais (e.g., Denham et al., 2003; Chen, 2010).

Curiosamente, foram verificadas, igualmente, diferenças ao nível da idade das crianças para os problemas de externalização, mas num sentido inverso. Ou seja, à medida que a idade aumentava, os problemas de externalização diminuam. Os resultados do estudo de Hatoum e colaboradores (2016) poderá ser uma possível explicação para este resultado. Foi observado que os problemas de externalização tendem a ser particularmente sensíveis a influências etiológicas peculiares, enquanto os problemas de internalização, por outro lado, são mais prováveis de serem influenciados pelos mesmo fatores ao longo do tempo, o que pode promover uma maior perseverança. Por fim, a ausência de associações entre a idade das crianças e as reações parentais não apoiantes também se apresenta como um dado relevante na presente investigação. A literatura tem gerado alguma divergência nesta questão. À semelhança dos resultados de Morris e colaboradores (2007), os resultados deste estudo indicam que, embora com o decorrer do tempo a criança seja exposta a novas influências externas, os pais permanecerão, em parte, como agentes ativos no ajustamento das emoções e

dos comportamentos dos filhos. Tendo em consideração que o desenvolvimento infantil está sujeito a várias transformações, nomeadamente a autonomia da criança, talvez os pais estabelecem diferentes objetivos de socialização que, por sua vez, variam em função da idade dos filhos. Isto é, a socialização não deixa de exercer impacto, apenas os objetivos foram ajustados ao seu contexto.

### **5.1. Limitações e Direções Futuras**

O presente estudo apresenta algumas limitações que devem ser tidas em consideração. Em primeiro lugar, a natureza transversal do estudo não permite inferir a direção dos efeitos ou relações de causalidade entre as variáveis. A condução de estudos longitudinais neste campo de investigação ainda é limitada, o que torna altamente vantajoso adotar outros tipos de abordagem no futuro. Tal permitiria a identificação de padrões específicos incutidos na relação entre o conflito conjugal, comportamentos de socialização e ajustamento psicológico, que são de difícil deteção nos estudos transversais.

Uma outra limitação está relacionada à avaliação e à amostra. As medidas de autorrelato estão frequentemente sujeitas a vieses de resposta. Este estudo baseou-se apenas no relato de um informante, pelo que o relato das crianças pode ser um importante complemento às avaliações e conclusões retiradas, sobretudo no que toca a questões como o conflito conjugal. É ainda importante denotar a heterogeneidade verificada entre o número de participantes do género masculino e do género feminino. A predominância de estudos que se focam somente no relato das mães é reconhecido ainda como uma falha carecida de atenção uma vez que, conforme verificado, ambos os pais participam no desenvolvimento da criança. Adicionalmente, são necessárias análises mais sofisticadas que incluam o controlo de variáveis, como o sexo e a idade.

Estudos anteriores demonstraram relações interessantes entre a responsividade emocional parental e outras variáveis individuais, como o temperamento da criança (e.g., Howe & Zimmer-Gembeck, 2022; Yagmurlu & Altan, 2010). Por conseguinte, a ausência de controlo de tais variáveis poderá ser também uma limitação do presente estudo. Investigações futuras deverão analisar o temperamento da criança enquanto moderador na relação.

Por fim, apesar de este estudo ter se centrado exclusivamente nas emoções negativas, tem sido observado, recentemente, um destaque eminente das reações parentais às emoções positivas da criança (Lopes, 2021; Ramakrishnan et al., 2019). Explorar o impacto do conflito conjugal no ajustamento psicológico da criança, avaliando o efeito mediador tanto das reações às emoções negativas como das reações às emoções positivas, poderá ser um complemento às descobertas do presente estudo, bem como um contributo para o corpo teórico deste campo.

## **5.2. Implicações Práticas e Conclusões**

Apesar destas limitações, o presente estudo traz um panorama transversal atual de associações entre os processos familiares e o ajustamento psicológico da criança ao identificar uma função mediadora das reações parentais não apoiantes às emoções negativas na relação entre o conflito conjugal e o ajustamento psicológico infantil.

Embora estudos anteriores tenham salientado o impacto direto do conflito conjugal no funcionamento da criança, este estudo apresenta uma outra perspetiva associada à forma como esse impacto poderá ocorrer através de vias indiretas, com ênfase na responsividade emocional dos pais. Além disso, foram consideradas algumas limitações identificadas em investigações anteriores que, por exemplo, se limitavam a crianças na idade pré-escolar, ou baseavam-se exclusivamente numa amostra de mães.

As análises indicam que, uma maior frequência de exposição ao conflito conjugal é acompanhada por níveis mais elevados de reações parentais não apoiantes às emoções negativas da criança que, por sua vez, está associada a um maior desenvolvimento de problemas de internalização e de externalização na criança. Isto reforça a ideia de que é particularmente importante os pais terem a capacidade de interromper a cadeia de repercussões que encaminha as disfunções da relação conjugal até à relação pais-filho (Havighurst et al, 2010).

Além disso, os resultados defendem o desenvolvimento de um plano de intervenção combinado que tenha como foco as interações diádicas e triádicas entre pais e filhos em contexto de conflito. Isto é, que possibilite a intervenção, não só nas implicações subjacentes ao conflito conjugal, mas também nos comportamentos de socialização não apoiantes, uma vez que estes são ambos preditores de algumas queixas associadas ao desenvolvimento da

criança. A implementação de estratégias adequadas de comunicação e de resolução de problemas, que sejam compatíveis a esta interação, pode ser um recurso de prevenção e redução dos problemas de internalização e de externalização da criança.

Em suma, este estudo fornece uma perspetiva complementar à literatura sobre as relações familiares e o impacto destas e do conflito conjugal no ajustamento psicológico infantil. Dados os potenciais efeitos indiretos no ajustamento da criança identificados no presente estudo, apela-se, por fim, a uma análise e intervenção mais detalhadas sobre as diferentes interações familiares, não só adaptadas a cada indivíduo, mas também à família como um todo.

### Referências Bibliográficas

- Almeida, T. C., Abrunhosa Gonçalves, R., & Sani, A. I. (2022). Children Exposed to Conjugal Violence: A Study of Portuguese Children from 7-9 Years of Age. *Suma Psicológica*, 29(1). <https://doi.org/10.14349/sumapsi.2022.v29.n1.7>
- Alves, D., & Cruz, O. (2011). Reações parentais às emoções negativas dos filhos (RPEN): Um questionário de avaliação da meta-emoção parental. In *Actas do VIII Congresso Iberoamericano de Avaliação/Evaluación Psicológica. XV Conferência Internacional Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, Lisboa, 25-27 Julho 2011* (pp. 1480-1492). Lisboa: Sociedade Portuguesa de Psicologia.
- Baker, J. K., Fenning, R. M., & Crnic, K. A. (2011). Emotion Socialization by Mothers and Fathers: Coherence among Behaviors and Associations with Parent Attitudes and Children's Social Competence. *Social development (Oxford, England)*, 20(2), 412–430. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2010.00585.x>
- Bariola, E., Gullone, E., & Hughes, E. K. (2011). Child and adolescent emotion regulation: the role of parental emotion regulation and expression. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 14(2), 198–212. <https://doi.org/10.1007/s10567-011-0092-5>
- Blair, B. L., Perry, N. B., O'Brien, M., Calkins, S. D., Keane, S. P., & Shanahan, L. (2014). The indirect effects of maternal emotion socialization on friendship quality in middle childhood. *Developmental Psychology*, 50(2), 566–576. <https://doi.org/10.1037/a0033532>
- Bølstad, E., Havighurst, S. S., Tamnes, C. K., Nygaard, E., Bjørk, R. F., Stavrinou, M., & Espeseth, T. (2021). A Pilot Study of a Parent Emotion Socialization Intervention: Impact on Parent Behavior, Child Self-Regulation, and Adjustment. *Frontiers in psychology*, 12, 730278. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.730278>
- Bongers, I. L., Koot, H. M., van der Ende, J., & Verhulst, F. C. (2003). The normative development of child and adolescent problem behavior. [IF 3.2]. *Journal of Abnormal Psychology*, 112(2), 179-192. <https://doi.org/10.1037/0021-843X.112.2.179>
- Brody, L. R. (2000). The socialization of gender differences in emotional expression: Display rules, infant temperament, and differentiation. In A. H. Fischer (Ed.), *Gender and*

- emotion: Social psychological perspectives* (pp. 24–47). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511628191.003>
- Brown, G. L., Craig, A. B., & Halberstadt, A. G. (2015). Parent Gender Differences in Emotion Socialization Behaviors Vary by Ethnicity and Child Gender. *Parenting, 15*(3), 135–157. <https://doi.org/10.1080/15295192.2015.1053312>
- Chen, J. J. (2010). Early Child Development and Care, *180*(4), 463–474. <https://doi.org/10.1080/03004430802041011>
- Chora, M., Monteiro, L., Ramos, M., & Amaral, R. (2019). Um olhar sobre o papel do pai na compreensão emocional das crianças: Os estilos parentais e práticas de socialização das emoções negativas. *PSICOLOGIA, 33*(1), 19–32. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v33i1.1372>
- Coln, K. L., Jordan, S. S., & Mercer, S. H. (2013). A unified model exploring parenting practices as mediators of marital conflict and children's adjustment. *Child psychiatry and human development, 44*(3), 419–429. <https://doi.org/10.1007/s10578-012-0336-8>
- Craft, A. L., Perry-Jenkins, M., & Newkirk, K. (2021). The Implications of Early Marital Conflict for Children's Development. *Journal of child and family studies, 30*(1), 292–310. <https://doi.org/10.1007/s10826-020-01871-6>
- Cummings, E. M. (2010). *Marital conflict and children: An emotional security perspective*. Guilford Press.
- Cummings, E. M., George, M. R., McCoy, K. P., & Davies, P. T. (2012). Conjugal conflict in kindergarten and adolescent adjustment: prospective investigation of emotional security as an explanatory mechanism. *Child development, 83*(5), 1703–1715. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2012.01807.x>
- Davies, P. T., & Cummings, E. M. (1994). Marital conflict and child adjustment: an emotional security hypothesis. *Psychological bulletin, 116*(3), 387–411. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.116.3.387>
- de Silva, A. D., Gao, M. M., Barni, D., Donato, S., Miller-Graff, L. E., & Cummings, E. M. (2021). Conjugal Conflict on Italian Adolescent Adjustment: The Role of Insecurity within the Family. *Journal of Family Issues, 42*(3), 671–692. <https://doi.org/10.1177/0192513X20927749>

- Denham, S. A. (1993). Maternal emotional responsiveness and toddlers' social-emotional competence. *Child Psychology & Psychiatry & Allied Disciplines*, *34*(5), 715–728. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.1993.tb01066.x>
- Denham, S. A., Bassett, H. H., & Wyatt, T. M. (2010). Gender differences in the socialization of preschoolers' emotional competence. *New Directions for Child and Adolescent Development*, *2010*(128), 29–49. <https://doi.org/10.1002/cd.267>
- Denham, S. A., Blair, K. A., DeMulder, E., Levitas, J., Sawyer, K., Auerbach-Major, S., & Queenan, P. (2003). Preschool emotional competence: pathway to social competence?. *Child development*, *74*(1), 238–256. <https://doi.org/10.1111/1467-8624.00533>
- Denham, S.A., Mitchell-Copeland, J., Strandberg, K. (1997). Parental Contributions to Preschoolers' Emotional Competence: Direct and Indirect Effects. *Motivation and Emotion* *21*, 65–86. <https://doi.org/10.1023/A:1024426431247>
- Duncan, K., & Hughes, F. (2011). Parental Support Mediates the Link Between Marital Conflict and Child Internalizing Symptoms. *Psi Chi Journal of Psychological Research*, *16*(2), 80–89. <https://doi.org/10.24839/1089-4136.jn16.2.80>
- Eisenberg, N., Cumberland, A., & Spinrad, T. L. (1998). Parental Socialization of Emotion. *Psychological Inquiry*, *9*(4), 241-273. [https://doi.org/10.1207/s15327965pli0904\\_1](https://doi.org/10.1207/s15327965pli0904_1)
- Eisenberg, N., Fabes, R. A., & Murphy, B. C. (1996). Parents' Reactions to Children's Negative Emotions: Relations to Children's Social Competence and Comforting Behavior. *Child Development*, *67*(5), 2227–2247. <https://doi.org/10.2307/1131620>
- Eisenberg, N., & Fabes, R. A. (1998). Prosocial development. In W. Damon & N. Eisenberg (Ed.), *Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development* (pp. 701–778). John Wiley & Sons, Inc.
- Fabes, Eisenberg, & Bernzweig (1990). The coping with children's negative emotions scale: Description and scoring. Escala não publicada disponível através dos autores. Arizona State University.
- Fabes, R. A., Poulin, R. E., Eisenberg, N., & Madden-Derdich, D. A. (2002). The Coping with Children's Negative Emotions Scale (CCNES): Psychometric properties and

- relations with children's emotional competence. *Marriage & Family Review*, 34(3-4), 285–310. [https://doi.org/10.1300/J002v34n03\\_05](https://doi.org/10.1300/J002v34n03_05)
- Fernandes, C., Santos, A. F., Fernandes, M., Veríssimo, M., & Santos, A. J. (2022). Caregivers' Responses to Children's Negative Emotions: Associations with Preschoolers' Executive Functioning. *Children (Basel, Switzerland)*, 9(7), 1075. <https://doi.org/10.3390/children9071075>
- Fleitlich, B., Loureiro, M., Fonseca, A., & Gaspar, F. (2005). *Questionário de capacidades e dificuldades (SDQ-Por)* [Strengths and Difficulties Questionnaire, Portuguese Version]. Acedido em fevereiro de 2023 de <https://www.sdqinfo.org/>
- Fonseca, D. (2015). *O Envolvimento dos Filhos no Conflito Conjugal e o Ajustamento Socioemocional dos Adolescentes* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa.
- Frankel, L. A., Umemura, T., Jacobvitz, D., & Hazen, N. (2015). Marital conflict and parental responses to infant negative emotions: Relations with toddler emotional regulation. *Infant behavior & development*, 40, 73–83. <https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2015.03.004>
- Gao, M. M., Du, H., Davies, P. T., & Cummings, E. M. (2019). Marital Conflict Behaviors and Parenting: Dyadic Links Over Time. *Family relations*, 68(1), 135–149. <https://doi.org/10.1111/fare.12322>
- Goodman, R. (2001). Psychometric properties of the Strengths and Difficulties Questionnaire (SDQ). *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 40, 1337-1345. doi:10.1097/00004583-200111000-00015.
- Goodvin, R., Carlo, G. and Torquati, J. (2006), The Role of Child Emotional Responsiveness and Maternal Negative Emotion Expression in Children's Coping Strategy Use. *Social Development*, 15: 591-611. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2006.00359.x>
- Gottman, J. M. (1997). *Raising an emotionally intelligent child: The heart of parenting*. New York: Simon & Schuster.
- Gottman, J. M., Katz, L. F., & Hooven, C. (1996). Parental meta-emotion philosophy and the emotional life of families: Theoretical models and preliminary data. *Journal of Family Psychology*, 10(3), 243–268. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.10.3.243>

- Harold, G. T., & Sellers, R. (2018). Annual Research Review: Conjugal conflict and youth psychopathology: an evidence review and practice focused update. *Journal of child psychology and psychiatry, and allied disciplines*, *59*(4), 374–402. <https://doi.org/10.1111/jcpp.12893>
- Hatoum, A. S., Rhee, S. H., Corley, R. P., Hewitt, J. K., & Friedman, N. P. (2018). Etiology of Stability and Growth of Internalizing and Externalizing Behavior Problems Across Childhood and Adolescence. *Behavior Genetics*, *48*(4), 298–314. <https://doi.org/10.1007/s10519-018-9900-8>
- Havighurst, S. S., Wilson, K. R., Harley, A. E., Prior, M. R., & Kehoe, C. (2010). Tuning in to Kids: improving emotion socialization practices in parents of preschool children - findings from a community trial. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *51*(12), 1342–1350. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2010.02303.x>
- Hayes, A. F. (2018). Partial, conditional, and moderated moderated mediation: Quantification, inference, and interpretation. *Communication Monographs*, *85*(1), 4–40. <https://doi.org/10.1080/03637751.2017.1352100>
- Hess, S. (2021). Effects of inter-parental conflict on children’s social well-being and the mediation role of parenting behavior. *Applied Research in Quality of Life*. Advance online publication. <https://doi.org/10.1007/s11482-021-10022-y>
- Higgins, G. E., Kirchner, E. E., Ricketts, M. L., & Marcum, C. D. (2011). Developing self-control: the role of parental stress. *Criminal Justice Studies*, *24*(2), 183–198. <https://doi.org/10.1080/1478601x.2011.561647>
- Hosokawa, R., & Katsura, T. (2019). Exposure to marital conflict: Gender differences in internalizing and externalizing problems among children. *PLoS ONE*, *14*(9), Article e0222021. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0222021>
- Howe, S.L., Zimmer-Gembeck, M.J. (2022). Person-Centered Maternal Emotion Socialization and Child Temperament: Relations to Children’s Emotion Regulation and Anxiety and Depressive Symptoms. (2022). *Journal of Child and Family Studies* *31*, 2644–2659. <https://doi.org/10.1007/s10826-022-02289-y>

- Ji, J. L., Heyes, S. B., MacLeod, C., & Holmes, E. A. (2016). Emotional mental imagery as simulation of reality: Fear and beyond—A tribute to Peter Lang. *Behavior Therapy*, *47*(5), 702–719. <https://doi.org/10.1016/j.beth.2015.11.004>
- Jin, Z., Zhang, X., & Han, Z. R. (2017). Parental Emotion Socialization and Child Psychological Adjustment among Chinese Urban Families: Mediation through Child Emotion Regulation and Moderation through Dyadic Collaboration. *Frontiers in Psychology*, *8*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.02198>
- Johnson, A. M., Hawes, D. J., Eisenberg, N., Kohlhoff, J., & Dudeney, J. (2017). Emotion socialization and child conduct problems: A comprehensive review and meta-analysis. *Clinical psychology review*, *54*, 65–80. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2017.04.001>
- Krishnakumar, A., & Buehler, C. (2000). Conjugal Conflict and Parenting Behaviors: A Meta-Analytic Review. *Family Relations*, *49*(1), 25–44. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2000.00025.x>
- Lopes, R. (2021). *As reações parentais às emoções das crianças: o papel da regulação emocional* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa.
- Lunkenheimer, E. S., Shields, A. M., & Cortina, K. S. (2007). Parental Emotion Coaching and Dismissing in Family Interaction. *Social Development*, *16*(2), 232–248. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00382.x>
- Malatesta-Magai, C. (1991). Emotional socialization: Its role in personality and developmental psychopathology. In D. Cicchetti & S. L. Toth (Eds.), *Internalizing and externalizing expressions of dysfunction* (pp. 203–224). Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- McDowell, D. J., Kim, M., O'neil, R., & Parke, R. D. (2002). Children's Emotional Regulation and Social Competence in Middle Childhood. *Marriage & Family Review*, *34*(3-4), 345–364. [https://doi.org/10.1300/j002v34n03\\_07](https://doi.org/10.1300/j002v34n03_07)
- Miller, R. L., Dunsmore, J. C., & Smith, C. L. (2014). Effortful Control and Parents' Emotion Socialization Patterns Predict Children's Positive Social Behavior: A Person-Centered

- Approach. *Early Education and Development*, 26(2), 167–188. <https://doi.org/10.1080/10409289.2015.975034>
- Miller-Slough, R., Zeman, J.L., Poon, J.A. et al. (2016). Children's Maternal Support-Seeking: Relations to Maternal Emotion Socialization Responses and Children's Emotion Management. *Journal of Child and Family Studies*, 25, 3009–3021. <https://doi.org/10.1007/s10826-016-0465-y>
- Morris, A. S., Silk, J. S., Steinberg, L., Myers, S. S., & Robinson, L. R. (2007). The Role of the Family Context in the Development of Emotion Regulation. *Social development (Oxford, England)*, 16(2), 361–388. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00389.x>
- Nelson, J. A., Boyer, B. P. (2018). Maternal responses to negative emotions and child externalizing behavior: Different relations for 5-, 6-, and 7-year-olds. *Social Development*. 27: 482– 494. <https://doi.org/10.1111/sode.12296>
- Özen-Uyar, R., Yilmaz, M. M., & Aktaş Arnas, Y. (2021). Emotional Socialization Behaviors of Mothers Having Preschooler. *Kuramsal Eğitimilim*, 14(2), 186–201. <https://doi.org/10.30831/akukeg.641669>
- Paley, B., & Hajal, N. J. (2022). Conceptualizing Emotion Regulation and Coregulation as Family-Level Phenomena. *Clinical child and family psychology review*, 25(1), 19–43. <https://doi.org/10.1007/s10567-022-00378-4>
- Pereira, A. I., Santos, C., Barros, L., Roberto, M. S., Rato, J., Prata, A., & Marques, C. (2022). Patterns of Parental Reactions to Their Children's Negative Emotions: A Cluster Analysis with a Clinical Sample. *International journal of environmental research and public health*, 19(11), 6844. <https://doi.org/10.3390/ijerph19116844>
- Poon, J., Zeman, J., Miller-Slough, R., Sanders, W., & Crespo, L. (2017). “Good enough” parental responsiveness to Children's sadness: Links to psychosocial functioning. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 48, 69–78. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2016.11.005>
- Porter, B., O’Leary, K. D. (1980). Marital discord and childhood behavior problems. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 8(3), 287-295

- Przybyła-Basista, H. (2016). Conjugal conflict and child adjustment: main concepts and research findings. *Polish Journal of Applied Psychology*, *14*(1), 67–84. <https://doi.org/10.1515/pjap-2015-0050>
- Ramakrishnan, J. L., Garside, R. B., Labella, M. H., & Klimes-Dougan, B. (2019). Parent Socialization of Positive and Negative Emotions: Implications for Emotional Functioning, Life Satisfaction, and Distress. *Journal of Child and Family Studies*, *28*(12), 3455–3466. <https://doi.org/10.1007/s10826-019-01528-z>
- Ramsden, S. R., & Hubbard, J. A. (2002). Family expressiveness and parental emotion coaching: Their role in children's emotion regulation and aggression. *Journal of Abnormal Child Psychology*, *30*(6), 657–667. <https://doi.org/10.1023/A:1020819915881>
- Rocha, S. S. d. S. (2016). *Empatia interpessoal dos pais, estilos parentais e ajustamento psicológico dos filhos: quando as teias se constroem em telas de desvantagem social e económica* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa.
- Root, A. K., & Rubin, K. H. (2010). Gender and parents' reactions to children's emotion during the preschool years. *New directions for child and adolescent development*, *128*, 51–64. <https://doi.org/10.1002/cd.268>
- Rutherford, H. J., Wallace, N. S., Laurent, H. K., & Mayes, L. C. (2015). Emotion Regulation in Parenthood. *Developmental review: DR*, *36*, 1–14. <https://doi.org/10.1016/j.dr.2014.12.008>
- Ryan, R., Martin, A., & Brooks-Gunn, J. (2006). Is One Good Parent Good Enough? Patterns of Mother and Father Parenting and Child Cognitive Outcomes at 24 and 36 Months. *Parenting*, *6*(2), 211–228. [https://doi.org/10.1207/s15327922par0602&3\\_5](https://doi.org/10.1207/s15327922par0602&3_5)
- Sanders, W., Zeman, J., Poon, J., & Miller, R. (2015). Child regulation of negative emotions and depressive symptoms: The moderating role of parental emotion socialization. *Journal of Child and Family Studies*, *24*(2), 402–415. <https://doi.org/10.1007/s10826-013-9850-y>

- Santos, A. (2022). *Reações Parentais às Emoções dos Filhos: Relação com Crenças Parentais e Regulação Emocional das Crianças* [Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa.
- Seddon, J. A., Abdel-Baki, R., Feige, S., & Thomassin, K. (2020). The Cascade Effect of Parent Dysfunction: An Emotion Socialization Transmission Framework. *Frontiers in psychology, 11*, 579519. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.579519>
- Sherrill, R. B., Lochman, J. E., DeCoster, J., & Stromeyer, S. L. (2017). Spillover between conjugal conflict and parent–child conflict within and across days. *Journal of Family Psychology, 31*(7), 900–909. <https://doi.org/10.1037/fam0000332>
- Shipman, K. L., Schneider, R., Fitzgerald, M. M., Sims, C., Swisher, L., & Edwards, A. (2007). Maternal emotion socialization in maltreating and non-maltreating families: Implications for children's emotion regulation. *Social Development, 16*(2), 268–285. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00384.x>
- Stettler, N., & Katz, L. F. (2014). Changes in Parents' Meta-Emotion Philosophy from Preschool to Early Adolescence. *Parenting, 14*(3-4), 162–174. <https://doi.org/10.1080/15295192.2014.945584>
- Stocker, C. M., Richmond, M. K., Rhoades, G. K., & Kiang, L. (2007). Family Emotional Processes and Adolescents' Adjustment. *Social Development, 16*(2), 310-325. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00386.x>
- Stroud, C. B., Meyers, K. M., Wilson, S., & Durbin, C. E. (2015). Marital Quality Spillover and Young Children's Adjustment: Evidence for Dyadic and Triadic Parenting as Mechanisms. *Journal of clinical child and adolescent psychology, 53*, 44(5), 800–813. <https://doi.org/10.1080/15374416.2014.900720>
- Suh, B. L., & Kang, M. J. (2020). Maternal reactions to preschoolers' negative emotions and aggression: Gender difference in mediation of emotion regulation. *Journal of Child and Family Studies, 29*(1), 144–154. <https://doi.org/10.1007/s10826-019-01649-5>
- Tetzner, J., Bondü, R., & Krahe, B. (2022). Family risk factors and buffering factors for child internalizing and externalizing problems. *Journal of Applied Developmental Psychology, 80*, 101395. <https://doi.org/10.1016/j.appdev.2022.101395>

- van Eldik, W. M., de Haan, A. D., Parry, L. Q., Davies, P. T., Luijk, M. P. C. M., Arends, L. R., & Prinzie, P. (2020). The conjugal relationship: Meta-analytic associations with children's maladjustment and responses to conjugal conflict. *Psychological Bulletin*, *146*(7), 553–594. <https://doi.org/10.1037/bul0000233>
- Warren, H. K., & Stifter, C. A. (2008). Maternal Emotion-related Socialization and Preschoolers' Developing Emotion Self-awareness. *Social Development*, *17*(2), 239–258. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2007.00423.x>
- Xiao, W., Lin, X., Li, X., Xu, X., Guo, H., Sun, B., & Jiang, H. (2021). The Influence of Emotion and Empathy on Decisions to Help Others. *SAGE Open*, *11*(2) <https://doi.org/10.1177/21582440211014513>
- Yagmurlu, B. and Altan, O. (2010), Maternal socialization and child temperament as predictors of emotion regulation in Turkish preschoolers. *Infant and Child Development*, *19*: 275-296. <https://doi.org/10.1002/icd.646>
- Yu, T., Pettit, G. S., Lansford, J. E., Dodge, K. A., & Bates, J. E. (2010). The Interactive Effects of Marital Conflict and Divorce on Parent-Adult Children's Relationships. *Journal of marriage and the family*, *72*(2), 282–292. <https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2010.00699.x>
- Zimet, D. M., & Jacob, T. (2001). Influences of marital conflict on child adjustment: Review of theory and research. *Clinical Child and Family Psychology Review*, *4*(4), 319–335. <https://doi.org/10.1023/A:1013595304718>

## Anexos

### Anexo A – Consentimento Informado

Caro/a participante,

O presente estudo insere-se no âmbito da dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica Cognitivo-Comportamental Integrativa. Está a ser desenvolvido pela aluna Carolina Isabel Abreu Carreira sob orientação da Professora Doutora Maria Isabel de Sá da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. Esta investigação tem como objetivo compreender o papel das reações parentais às emoções da criança, na relação entre o conflito conjugal e o ajustamento psicológico da criança.

Irá preencher um questionário com a duração aproximada de 15 minutos. A sua participação é voluntária podendo desistir a qualquer momento, sem qualquer consequência. Os dados recolhidos são confidenciais e anónimos com finalidade apenas académica. No sentido de uma obtenção de resultados válidos, é importante que responda com o máximo rigor e honestidade.

**Para poder participar, são requeridas as seguintes condições:**

- Ser residente em Portugal e falar fluentemente português;
- Ter, pelo menos, um/a filho/a com idade compreendida entre os 4 e os 10 anos;
- Estar numa relação amorosa diádica com o pai/mãe biológico/a da criança (namoro, casamento ou coabitação);

Se desejar esclarecer alguma dúvida e/ou se quiser saber, posteriormente, os resultados gerais do estudo, deverá enviar um e-mail para: [carolina.carreira@campus.ul.pt](mailto:carolina.carreira@campus.ul.pt) ou [misa@psicologia.ulisboa.pt](mailto:misa@psicologia.ulisboa.pt).

Ao clicar no botão abaixo, reconhece que a sua participação neste estudo é voluntária e que tem o direito de decidir cessar a sua participação a qualquer momento.